

O RETORNO DOS JESUÍTAS AO BRASIL E A ATUAÇÃO MISSIONÁRIA ENTRE OS IMIGRANTES ALEMÃES NO SUL DO BRASIL (1844-1938)

Paulo Fernando Diel¹

Resumo: Os primeiros jesuítas retornaram ao Brasil em 1844. Inicialmente se estabeleceram na antiga Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. No ano de 1849 chegaram os primeiros jesuítas de fala alemã com a missão de atender os imigrantes alemães que se encontravam naquela província desde 1824. O objetivo deste artigo é, portanto descrever as principais atividades pastorais desenvolvidas pelos jesuítas junto aos imigrantes alemães entre 1844 e 1938. Esses missionários não se ocuparam apenas do acompanhamento espiritual dos imigrantes, empenharam-se também no desenvolvimento social, educacional e cultural das comunidades germânicas. Por outro lado, procura-se entender também como os jesuítas e os imigrantes alemães se apoiaram na própria germanidade (*Deutschtum*) para enfrentarem os desafios impostos pela colonização no Brasil.

Palavras-Chave: jesuítas; imigração alemã; germanidade.

THE RETURN OF THE JESUITS TO BRAZIL AND THE MISSIONARY ACTION AMONG THE GERMAN IMMIGRANTS IN THE SOUTH OF BRAZIL (1844-1938)

Abstract: The first Jesuits returned to Brazil in 1844 and they initially settled themselves in the former Province of São Pedro do Rio Grande do Sul in Porto Alegre. The first German-speaking Jesuits arrived in 1849 with the mission to meet the German immigrants who had been in that province since 1824. The aim of this study is to describe the main pastoral activities developed by the Jesuits with the German immigrants between 1844 and 1938. Those missionaries were not only concerned about the immigrants' spiritual accompaniment, but they also engaged themselves in the social, educational and cultural development of the Germanic communities. On the other hand, we try to understand how the Jesuits and German immigrants relied on their own Germanity (*Deutschtum*) to face the challenges posed by colonization in Brazil.

Keywords: jesuits; german immigration; germanity.

* Este artigo é parte da tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia e História da Igreja da Johannes Gutenberg Universität da Alemanha.

¹ Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, câmpus de Dois Vizinhos - PR.
E-mail: paulodiel@utfpr.edu.br

1. O retorno dos jesuítas espanhóis ao Brasil e as primeiras missões entre os imigrantes alemães.

A história dos jesuítas é marcada pelo pioneirismo e pela originalidade com que se envolveram no processo de evangelização das colônias espanholas e portuguesas na América Latina e no Brasil. Esta história toma rumos trágicos a partir de meados do século XVIII, quando o pensamento liberal, secular e racionalista ganha espaço nos setores políticos e culturais da sociedade europeia. O liberalismo desenvolveu um forte espírito anticlerical que atingiu os jesuítas de forma mais aguda. Por outro lado, os jesuítas se opõem às preposições da *Aufklärung*² (Esclarecimento): a fé na razão humana; a emancipação de toda e qualquer autoridade seja ela religiosa ou profana e a libertação da autoridade divina (BOHNEN; ULLMANN, 1989: 30). O homem da *Aufklärung* não busca mais iluminação em Deus, mas na razão. Aceita como fonte de conhecimento apenas a razão e pretendeu organizar tudo a partir dela: o estado, a sociedade, a religião, a cultura, etc. Esse pensamento liberal penetrou e se desenvolveu em países de forte tradição católica, angariando a simpatia da aristocracia e de setores políticos importantes, onde reinavam ainda estados absolutistas. O liberalismo atingiu também setores do alto clero, bispos e cardeais incorporaram o espírito do liberalismo e atuavam contra a autoridade do papa e os jesuítas (RABUSKE, 1973: 206). Apoiavam os movimentos ideológicos políticos do febronianismo, do galicanismo e do josefinismo, “todos se caracterizavam por um denominador comum, qual seja, a defesa de prerrogativas do Estado contra as pretensões da Igreja. Por outro lado, defesa da ingerência da autoridade civil em assuntos eclesiásticos” (BOHNEN; ULLMANN, 1989: 32).

É neste *Zeit Geist* (espírito do tempo) que a Companhia de Jesus será suprimida no dia 21 de julho de 1773 por meio do breve *Dominus ac Redemptor* assinado por Clemente XIV (1769-1774)³. Antes disso Portugal já havia expulsado os jesuítas de suas colônias e

² “A *Aufklärung* possui um enfoque político e faz, ao mesmo tempo, uma forte crítica à religião, levando Kant a afirmar que o ‘ponto central da *Aufklärung* é a saída da menoridade culpada, sobretudo, no que diz respeito às coisas de religião” (BRESOLI, 2015). A *Aufklärung* defende a autonomia da razão e a liberdade do indivíduo como os meios para sua emancipação. Nesta perspectiva a Igreja é duramente criticada por restringir o papel da razão e não aceitar a liberdade individual como princípios norteadores da sociedade moderna contemporânea.

³ Sua eleição ocorreu depois de um tumultuado conclave que durou três meses e teve como tema central a supressão da ordem dos Jesuítas. Clemente XIV foi eleito sob pressão das cortes borbônicas, embora não

da metrópole em 1759, o que se seguiu na corte espanhola em 1767. As cortes Bourbonicas entendiam que os Jesuítas com seus 22.000 membros se constituíram depois da Reforma Protestantes nos grandes baluartes da Igreja. Acreditavam que “uma vez destruída essa Ordem Religiosa, o resto da Igreja Católica e do papado houvesse de ruir por si mesma” (RABUSKE, 1973: 208).

Após o fim das guerras napoleônicas a Ordem dos Jesuítas foi restaurada pelo Papa Pio VII em 1814. O primeiro país sul americano a receber os jesuítas foi a Argentina⁴. A partir de 1836 procuraram retomar suas atividades em Buenos Aires e Montevidéu. Inicialmente contaram com o apoio do governador da Província de Buenos Aires Juan Manuel de Rosas. No entanto, este possuía um posicionamento dúbio em relação à Igreja, pois em seu primeiro governo (1829-1832), foi amplamente favorável a Igreja, mas no segundo, a partir de 1835, exigiu dos seus aliados e da Igreja um forte alinhamento com a sua política (MIGNONE, 1994: 295). Segundo Mondoni (2014: 34), “Rosas pensava em servir-se desses religiosos instrumentalizando-os em favor de sua política”. Este contexto fez com que o padre Berdugo e o irmão Saracco fugissem em 1841 para Montevideo. Dois anos mais tarde os jesuítas foram expulsos da Argentina.

O padre Berdugo em companhia do Ir. Saracco viajaram para o Brasil no dia 3 de dezembro de 1841 para contatar o internúncio Ambrósio Campodonico⁵. Chegaram ao Rio de Janeiro no dia 20 de dezembro daquele ano. As intenções, segundo Bohnen e Ullmann (1989: 85), eram duas: entrar no Paraguai através do Brasil e fundar uma missão no Brasil, reativando a missão dos Sete Povos, à margem esquerda do Uruguai. No Brasil foram bem acolhidos pelo internúncio, que instalava naquele ano sua missão diplomática no Brasil. Apesar disso, o bispo do Rio de Janeiro D. Manuel do Monte Rodriguez de Araújo,

houvesse se manifestado deliberadamente pela supressão da ordem dos Jesuítas. Depois de eleito procurou ganhar tempo e inclusive manifestou publicamente sua admiração pelos jesuítas. Esta atitude irritou os bourbons que exigiram a supressão da ordem mediante a ameaça de cisma. Cf. RABUSKE (1973).

⁴ Entre a supressão da Ordem Jesuíta em 1773 e o seu retorno a Argentina passaram-se mais de 60 anos. Neste lapso de tempo grande parte dos jesuítas havia morrido em virtude das perseguições e mesmo pela idade. Alguns deles continuaram suas atividades na Prússia, onde o rei Frederico II, protestante e liberal, permitiu que jesuítas continuassem a trabalhar em seus domínios até 1775. Na Rússia o decreto de supressão da ordem não pode ser publicado porque a imperatriz Catarina II se opôs a esta decisão. Isso permitiu que toda uma província da Companhia de Jesus continuasse a existir naquele país. A Rússia preservou o sonho e o espírito iniciano e foi lá que se formou o padre João Felipe Roothaan, que foi o primeiro Geral da Companhia restaurada (LUTTERBECK, 1977: 14-15).

⁵ Ambrósio Campodonico era natural de Castelgandolfo na Itália e esteve no Brasil entre 1841 e 1845 como Internúncio e enviado extraordinário da Santa Sé ao Brasil. Se empenhou muito em favor dos jesuítas.

afirmava “nada poder fazer em prol dos jesuítas” (MONDONI, 2014: 35). Dom Manuel sabia das dificuldades que seria restabelecer a ordem dos jesuítas no Brasil diante do regalismo, do liberalismo racionalista e do antijesuitismo⁶, especialmente no Rio de Janeiro. Em razão disso os próprios jesuítas retornaram discretamente ao Brasil, não trajavam suas vestes tradicionais e nem se denominavam jesuítas quando aqui chegaram. Lutterbeck (1977: 16) afirma que Berdugo sentiu que no Brasil Imperial

o espírito pombalino ainda vivia nos círculos oficiais. Estavam em vigor as leis de expulsão dos jesuítas e a lituratura (sic) de calúnias contra eles, publicadas em Portugal e na França, continuava a produzir o seu fruto negativo. Mesmo entre os eclesiásticos perdurava certa desconfiança, senão inimizade, contra os jesuítas.

Vários fatores dificultavam o retorno dos jesuítas ao Brasil. Por um lado havia o medo da afirmação de um modelo de catolicismo ultramontano e romanizado, que alinharia a Igreja ao Papa em detrimento do padroado regalista que assegurava o poder do Estado sobre a Igreja (DOMINGOS, 2014: 90-105). Por outro lado, embora o Brasil ainda fosse um país católico na sua religião, os liberais defendiam a liberdade religiosa e acreditavam que a volta dos jesuítas traria prejuízos à imigração protestante. Havia também o temor de que a volta dos jesuítas pudesse trazer problemas ao desenvolvimento de uma educação laica e liberal, já que os jesuítas eram exímios educadores, porém, antiliberais.

A discussão e até a rejeição à presença da Companhia de Jesus nos anos oitocentistas no Brasil [...], certamente se relacionam ao implemento de uma política de matiz centralizadora e defensora de um Estado forte que, além das ações contrárias às rebeldias provinciais, também investiu na extinção gradativa das ordens regulares no Brasil [...]. E nesse quesito, os *loyolanos* significavam um grande problema para o Estado Imperial (DOMINGOS, 2014: 87)

A sorte dos jesuítas começa a mudar quando o presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul solicitou junto ao bispo do Rio de Janeiro o envio de missionários para atender as necessidades espirituais dos gaúchos que sofriam com a Revolução

⁶ Ao tratar do tema do antijesuitismo Simone Tiago Domingos (2014: 23-31) descreve detalhadamente como se construí e se desenvolveu ao longo do tempo a “jesuitofobia” e a “jesuitomania”.

Farroupilha (RODRIGUES, 2014: 317-323). Depois de uma viagem cheia de dificuldades e descaminhos entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, os jesuítas espanhóis, padres Sató e Coris, juntamente com o irmão Saracco chegaram a Porto Alegre no dia 15 de outubro de 1842. Deste local, organizaram as missões que visitariam as paróquias da região. Foi durante estas atividades missionárias que os jesuítas espanhóis encontraram as colônias alemãs⁷.

As atividades missionárias dos jesuítas espanhóis nas colônias alemãs tiveram início em 1844. Foram diferentes e difíceis devido à realidade bastante particular das colônias alemãs. Uma primeira dificuldade era a língua, pois nestas comunidades a língua oficial era o alemão, poucos sabiam falar português, embora muitos já estivessem residindo no Brasil por décadas. Para as confissões os missionários necessitaram do apoio do professor José Frayer de São Leopoldo. Ele desenvolveu um catálogo de perguntas básicas sob as quais os missionários orientavam e limitavam suas indagações.

Entre a chegada dos imigrantes em 1824 e o retorno dos jesuítas espanhóis em 1844, os imigrantes alemães tiveram uma assistência religiosa esporádica e precária do clero secular brasileiro. Poucas vezes por ano o vigário passava pelas colônias, rezava a missa e presidia os matrimônios. Para as confissões também se debatiam com o problema da língua. Segundo Schupp (2004:21), em virtude disso se fazia como na guerra antes de uma batalha, todos que desejavam confessar se ajoelhavam, faziam um ato de contrição e em seguida recebiam a comunhão.

No início os colonos não possuíam espaço adequado para fazerem as suas desobrigas religiosas, pois não havia capelas e nem sinos que os convidassem para assistirem a missa e celebrarem o domingo e os dias santos. Matias Franzen, morador da Linha Hortêncio, em carta endereçada a seu cunhado em 27 de agosto de 1832, relata: “Nós não temos periodicamente missas. Se tivéssemos igrejas e escolas alemãs aqui, então poderíamos verdadeiramente estar satisfeitos, felizes e contentes. De padres estrangeiros e igrejas e capelas portuguesas o país está cheio, mas nós não temos aqui pastores e nem

⁷ A história da imigração alemã para o Brasil já é bem conhecida e existe uma extensa literatura sobre o tema. Os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Brasil em 1824. Durante o século XIX em diferentes fluxos migratórios o Brasil, especialmente o estado do Rio Grande Sul, recebeu milhares de imigrantes alemães. Em 1912 viviam no Rio Grande do Sul, 202.700 alemães (CAMERLANDER 1913: 82). No ano de 1940, 12,9% da população brasileira falava alemão, era a língua estrangeira mais falada no Brasil por 52,67% dos estrangeiros (ALTENHOFEN, 1995: 55).

verdadeiramente professores alemães”⁸ (Familienfreund 1922: 120). O Autor da carta segue relatando que para assisti a Santa Missa necessitaria caminhar 4 horas até Santa Ana ou então 7 horas até São Leopoldo, em razão disso lamenta poder participar de poucas missas⁹.

Apesar destas condições duas questões impressionaram os missionários jesuítas espanhóis em relação aos imigrantes alemães. Ao pregarem missões em Dois Irmãos perceberam “o zelo religioso com que frequentaram as missões, no entanto identificaram abusos, especialmente em casamentos mistos não regulamentados pela Igreja e a forte influência protestante que, devido a ausência de padres alemães, se espalhava sobre os católicos” (SCHMIEDER, 1958: 45).

Diante desta realidade os missionários espanhóis se uniram às comunidades de imigrantes alemães católicos e escreveram ao bispo do Rio de Janeiro solicitando a criação de uma estação missionária (*Seelsorgestation*) e o envio de missionários para atender estas comunidades.

Em 1845 houve a segunda missão¹⁰ entre os alemães. Desta vez, esteve mais organizada, pois os missionários espanhóis já conheciam as comunidades e conseguiram se comunicar melhor. Nesta ocasião foi celebrada uma primeira eucaristia, muito festejada¹¹. O mais importante desta missão foi à convicção dos missionários espanhóis de que era necessário solicitar padres que dominassem a língua alemã e que conhecessem os costumes daquela gente. Foi a partir desta iniciativa que chegaram a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul os três primeiros sacerdotes de língua alemã para atender os imigrantes.

⁸ “[...] wir haben keine ordentlichen deutschen Gottesdienst. Hätten wir deutsche Kirchen und Schulen hier, wie zufrieden, wie glücklich, wie froh könnten wir dann nicht erst seind. Von ausländischen Priester und portugieser Kirchen und Kapellen is das Land voll, aber wir haben kein deutschen Pfarrherren und keine ordentlichen Schullehrer”. Todas as traduções utilizadas neste texto são de responsabilidade do autor do artigo.

⁹ Em virtude destas circunstâncias marcadas pela ausência de um padre alemão e a necessidade de assistir a missa por parte dos colonos, desenvolveu-se em algumas colônias um culto divino leigo que era conduzido por um “padre leigo”. O padre Schupp (2004: 34) transcreveu relatos do padre Dörleman e do padre Lipinski, ambos trabalharam em Dois Irmão, onde havia um “padre leigo”. “Ele possuía um missal, entoava o glória, cantava as orações, a epistola, o evangelho, o credo, o prefácio, fazia tudo o que um sacerdote costuma fazer, apenas não pronunciava as palavras da consagração”. O padre Lipinski relata que após a sua chegada em Dois Irmãos teve dificuldades para afastar os “padres leigos” (SCHUPP, 2004: 34-35).

¹⁰ Havia uma estrutura bem definida para as missões, elas duravam de 7 a 8 dias e eram chamadas de “semana santa”. Rodrigues (2014: 329-334) descreve detalhadamente como eram organizadas as missões.

¹¹ O Padre Coris relatou em duas cartas de 12/10/1844 e 27/11/1849 as atividades missionárias dos jesuítas espanhóis entre os alemães no Rio Grande do Sul. (ARSI) Provincia Brasiliae Meridionalis, I Espistolae, 1001 – III e VIII.

2. Os jesuítas alemães e o início das atividades missionárias entre os imigrantes alemães.

Em 1849 chegaram ao Brasil Augusto Lipinski¹² que veio da Polônia, João Sedlack¹³ da Boêmia e o irmão Antônio Sonntag, de procedência desconhecida. Os padres austro-húngaros e o irmão Sonntag pertenciam à Província da Galícia, na Áustria, hoje pertencente ao território polonês. O desejo dos imigrantes alemães na chegada de missionários se uniu às dificuldades que os jesuítas e a Igreja enfrentavam na Europa em meadas do século XIX quando instituições dos jesuítas na Áustria, Suíça, Itália e Alemanha foram dissolvidas ou sofreram restrições forçando a saída dos padres para outros países. Rothe, (1960: 3) informa “que no dia 4 de junho de 1848 deixaram pelo porto de Antuérpia 45 membros a Província Alemã e chegaram depois de uma difícil viagem no dia 19 de julho em Nova Iorque”¹⁴. Estes acontecimentos oportunizaram a vinda dos três primeiros jesuítas de fala alemã ao Brasil.

O ponto de partida dos missionários foram as comunidades já constituídas pelos colonos alemães aqui no Brasil. Quando estes se estabeleciam numa determinada região, erguiam uma capela e esta era usada aos domingos para suas orações (culto) e durante a semana como escola. No entorno da capela organizavam-se todas as atividades sociais e religiosas da comunidade. Estas pequenas instituições serviram como ponto de partida para a organização das igrejas paroquiais. O padre Lipinski se estabeleceu na Paróquia Dois Irmãos, a oeste da região de colonização e o padre Sedlack, a leste, na cidade de São José do Hortêncio, na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (SCHUPP, 2004: 33-53).

Demorou 10 anos até que novos missionários de fala alemã chegassem. Foram inúmeros os esforços para que isso acontecesse. O Padre Lipinski escreveu algumas cartas para a Alemanha e para a Áustria pedindo reforço para a missão. Em carta ao Reverendo P. Assistentes de 30/12/1860, afirmou, em referência aos alemães: “a situação religiosa deles é

¹² O padre Lipinski nasceu na Silesia. Aos 19 anos entrou para a Companhia de Jesus. Atuou como professor em algumas instituições jesuítas. Em 1849 recebeu permissão para vir ao Brasil.

¹³ Nasceu na Boêmia em 1812 na diocese de Budweis. Em 1837 foi ordenado padre, sete anos depois ingressou na Companhia de Jesus.

¹⁴ “Am 4. Juni 1848 verliessen auf der ‘Providence’(sic) 45 Mitglieder der Deutschen Provinz der Hafen von Antwerpen und kamen nach einer beschwerlichen Fahrt am 19. Juli in New York nach”.

horrível”¹⁵ (ARSI: Provincia Brasiliae Meridionalis, I Espistolae, 1003 a – XVII, 3a). Quería com isso sensibilizar o provincial da necessidade do envio de mais missionários. Em carta de 01/05/1861 escreveu: “se nós não ajudarmos, a santa fé será em pouco tempo enterrada”¹⁶ (ARSI: Provincia Brasiliae Meridionalis, I Espistolae, 1001 a – XVII, 5a). Alguns anos antes em 17/06/1858 já havia escrito: “nós aguardamos com confiança para logo o recebimento de ajuda, assim poderemos ao menos atender confissões, porque estamos privados desse grande consolo”¹⁷ (ARSI: Provincia Brasiliae Meridionalis, I Espistolae, 1001 a – XVI, 3a).

Após estes apelos em 1858 chegaram da Província Germânica¹⁸ os padres Bonifácio Klüber, Miguel Kellner e o irmão Francisco Ruhkamp. Havia também outras demandas religiosas para as quais os jesuítas eram requisitados. Exemplo disso foi a solicitação do bispo de Porto Alegre Dom Feliciano José Rodrigues Prestes que em 1857 requisitou os serviços dos jesuítas para serem formadores em seu seminário. Os bispos reformadores D. Antônio Ferreira Viçoso, de Mariana e D. Antônio Joaquim de Melo, de São Paulo, solicitaram jesuítas para atuarem como professores em seus respectivos seminários. Por outro lado, nessa época cresceu o fluxo migratório de alemães para o Brasil, aumentando a demanda por missionários. O geral da ordem dos jesuítas para atender estas solicitações enviou a partir de 1860 missionários da Província Romana, estes se espalharam pelo Brasil. Em 1869 a missão da Província do Rio Grande do Sul passou a ser de responsabilidade da Província Alemã¹⁹ e os trabalhos em São Paulo, Recife, Pernambuco e Rio de Janeiro, ficaram com a Província Romana (SCHUPP, 2004: 60).

A partir de então, a missão dos jesuítas entre os alemães terá um desenvolvimento contínuo. Pode-se verificar isso através da criação das paróquias, as quais foram sendo

¹⁵ “Ihr religiöser Zustand ist schauderhaft”.

¹⁶ “Wenn wir nicht helfen. Wird der h. Glaube in kurzer Zeit begraben”.

¹⁷ “Wir erwarten mit Zuversicht dass wir doch bald eine Hilfe erhalten werden, und so werden wir doch wenigstens beichten können, da wird jetzt dieses grossen Trostes entbehren müssen”.

¹⁸ A Província Germânica Superior (Oberdeutsche Provinz) foi criada em 1826. A partir do ano 1853 ela passou a ser chamada simplesmente Província Alemã (Deutsche Provinz). Esta província envolvia os países que se localizavam na fronteira sul da região de fala alemã (ROTHER, 1960: 1-2).

¹⁹ No dia 25 de dezembro de 1911 o padre Geral dos Jesuítas definiu as fronteiras das três missões dos Jesuítas no Brasil. A Província Germânica ficou com os três estados do sul, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Esta missão perdurou até 1925 quando esta região foi elevada a Vice Província independente e em 17 de outubro de 1927 a Provincia Brasiliae Meridionalis (SCHMIEDER, 1958:58).

assumidas pelos jesuítas em colônias alemãs. O padre Ambrósio Schupp (1974) nos oferece a relação das paróquias, bem como um relato histórico de todas elas.

Tabela 1 – Quadro evolutivo da criação de paróquias entre os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul

PARÓQUIA	Ano de Criação
São Miguel dos Dois Irmãos	1849
São José do Hortêncio	1849
São Leopoldo	1859
Santa Cruz	1863
Bom Jardim	1867
Porto Alegre	1867
Montenegro	1871
Estrela	1872
Bom Princípio	1873
São Salvador	1875
Novo Hamburgo	1880
São Sebastião do Caí	1881
Lajeado	1882
Feliz	1884
Nova Petrópolis	1889
Pelotas	1889
Venâncio Aires	1895
Taquara do Novo Mundo	1896
Rio Grande	1897
Harmônia	1904
Poço das Antas	1905
Rocco Sales	1905

Fonte: Schupp, 1974

Uma paróquia que merece destaque é a de Porto Alegre, criada em 1867. Nesta cidade haviam se estabelecido muitos alemães que eram visitados duas vezes ao ano pelo padre de São Leopoldo. Quem assumiu a paróquia foi o Padre Lipinski²⁰ juntamente com o Padre João Grassner e o irmão Sonntag no dia 01/01/1868. A missão dos jesuítas nesta cidade não se restringia a atender os imigrantes alemães, mas sim toda a comunidade, multicultural, por ser uma importante cidade portuária. Abria-se assim um novo campo de

²⁰ Padre Lipinski ficou apenas um ano em Porto Alegre de onde retornou para a Europa e morreu em 1870.

trabalho, pois diante das enormes necessidades espirituais e religiosas do Brasil, seria impossível permanecer exclusivamente dedicado aos colonos alemães (SCHUPP, 2004: 70-79). Esta diversificação das atividades e a expansão das paróquias exigiram a chegada de novos missionários. Vejamos a evolução.

Tabela 2 – Evolução da chegada dos jesuítas alemães ao Rio Grande do Sul

Ano	Escolásticos	Irmãos	Padres	Total
1871		9	18	27
1872		7	18	25
1876		13	36	49
1877		15	26	41
1878		15	28	43
1879		17	32	49
1880	3	17	31	51
1881	3	19	34	56
1882	3	20	36	59
1883	3	22	36	61
1884	5	25	38	68
1885	5	25	38	68
1886	5	31	42	78
1887	8	34	46	85
1888	11	38	48	94
1889	14	40	48	99
1890	13	42	52	107
1891	12	42	48	102
1892	11	46	54	111
1893	13	47	59	119
1894	15	50	60	125
1895	16	51	61	128
1896	15	54	63	132
1897	14	59	65	138
1898	13	59	67	139
1899	10	59	71	140
1900	12	60	74	146
1901	10	61	78	149
1902	11	62	80	153

1903	12	60	84	156
1904	12	63	90	165
1905	15	69	92	176
1906	18	67	93	178
1907	19	60	98	177
1908	24	67	104	195
1909	24	67	108	199
1910	26	68	107	201
1911	25	67	110	202
1912	27	66	110	203
1913	25	67	116	208
1914	14	66	114	194
1915	15	66	111	192
1916	15	66	109	190
1917	18	62	106	186
1918	20	62	103	185
1919	18	62	103	183
1920	13	60	113	186
1921	15	57	118	180

Fonte: (ANPSJ): *Catalogus Sociorum et Officiorum Provinciae Societatis Jesu, Romae, 1871-1921*.

3. As atividades missionárias dos jesuítas alemães entre os imigrantes alemães.

3.1. Separar católicos e protestantes.

No longo período entre 1824 e 1849 os imigrantes alemães viveram uma espécie de exílio religioso e espiritual. Segundo o Padre Schmieder (1912-1914: 47), “em razão da ausência de acompanhamento espiritual e educação entre 1824 e 1849, cresceu muita ‘erva daninha’ cuja ‘limpeza’ exigirá muito esforço”²¹. Uma tarefa urgente seria a separação entre os imigrantes católicos e protestantes. Algumas colônias foram criadas reunindo católicos e protestantes. A proximidade cultural e as próprias necessidades aproximaram protestantes e católicos, que, por vezes, superaram o ódio histórico que os dividiam na Alemanha. Houve muitos casamentos mistos, o que contrariava fortemente os interesses dos jesuítas, que foram os grandes agentes da contra reforma e combatiam o protestantismo. Os casamentos mistos não eram tolerados pela Igreja Católica, muitos deles

²¹ “Aufgrund des Fehlens von Seelsorge und Unterricht in der Zeit von 1824 bis 1849 war viel “Unkraut” gewachsen, dessen “Säuberung” viele Mühe verursachte”

foram assistidos por pastores protestantes. Neste caso, eles eram duplamente ilegais, frente a leis do império, porque a religião oficial era o catolicismo e para a Igreja Católica (SCHUPP, 2004:55).

Com a chegada dos jesuítas, passo a passo, protestantes e católicos foram sendo separados e as fronteiras entre ambas as religiões ampliadas. Esta situação será motivo de controvérsias e de inúmeras acusações contra os Jesuítas. Um viajante suíço Johann Jakob von Tschudi (1868: 36-37), descreve o seguinte:

Longos anos viveram católicos e protestantes em São Leopoldo em completa harmonia, até que o padre jesuíta austríaco Bonifácio Klüber foi nomeado pastor da vila de São Leopoldo. Desde momento em diante a paz religiosa acabou. Com cego e zeloso fanatismo contra os protestantes espalhou discórdia entre os colonos e separou casamentos mistos anteriormente felizes. Seu esforço zeloso, e não sempre sem sucesso, foi fazer prosélitos que em sua atuação provocassem um sinistro ódio religioso²².

Outra preocupação dos jesuítas era com o indiferentismo em que se encontravam os católicos. Falando sobre São Leopoldo o padre Schupp (2004:54) escreve:

Católicos e protestantes conviviam e havia o perigo de que uns e outros se acostumassem com as características dos outros, o que poderia resultar finalmente numa mistura religiosa. E, de fato, iniciara a generalização de um lamentável indiferentismo. Acontecia aqui o mesmo que em Porto Alegre, onde não poucos católicos julgavam satisfazer a sua obrigação dominical frequentando uma igreja protestante.

No entanto, a presença de protestantes em eventos católicos era também recorrente. Por ocasião da missão pregada em São Leopoldo pelos jesuítas espanhóis em 1844, o padre Perez fez um relato que foi reproduzido pelo padre Schupp (2004:22).

²² “Lange Jahre lebten Protestanten und Katholiken in São Leopoldo in vollkommener Harmonie nebeneinander, bis der österreichische Jesuit P. Bonifacio Klüber zum Pfarrer von Villa São Leopoldo ernannt wurde. Von diesem Augenblicke an war es um den religiösen Frieden geschehen. Mit blindem Fanatismus eiferte P. Bonifacio gegen die Protestanten, streute Zwietracht unter die Colonisten (sic) aus und entzweite früher glückliche gemischte Ehen. Sein eifrigstes und nicht immer erfolgloses Bestreben war es, Proselyten zu machen, sein ganzes wirken aber ein unheilvolles, den Religionshass provocirendes”

Todos acompanharam a procissão em tamanha ordem e numa postura tão edificante, como não fora observado em nenhuma das procissões que antecederam. Constitui-se num triunfo da religião observar como os católicos, em meio ao grande número de protestantes, se movimentavam pelas ruas e como aqueles, longe de os molestar ou divertir-se com eles, assistiam com a maior demonstração de respeito ao espetáculo. Chegaram ao ponto que não poucos e entre eles o pastor protestante em pessoa como também o chefe militar protestante participaram do culto religioso como se católico fossem, faziam o sinal da cruz, rezavam e acompanhavam tudo o que observavam.

Quando no ano de 1864 o padre Klüber mobiliza o povo para uma coleta em favor da construção da Igreja em São Leopoldo, “os concidadãos protestantes se aliaram ao entusiasmo geral” (SCHUPP, 2004: 58). No dia 08 de novembro de 1868 o padre Feldhaus benzeu em grande solenidade o cemitério da cidade de São Leopoldo e a cerimônia também contou com a “assistência de um número grande tanto de católicos como de protestantes” (SCHUPP, 2004: 60). No segundo Congresso Católico (*Katholikentag*)²³ em 1899, realizado na cidade de Santa Clara, uma das resoluções tomadas foi a seguinte: “Ir junto com outras confissões: O Congresso declara não apenas ser útil, mas também necessário, que os católicos se unam com concidadãos de outras crenças em associações de agricultores”²⁴ (IAP: VERHANDLUNGEN, 1899: 68:69). Os jesuítas foram acusados de perturbarem a boa convivência entre católicos e protestantes quando chegaram e tentaram organizar a vida religiosa dos católicos. Agiam dentro dos ordenamentos institucionais da Igreja, mas ao que parece, a relação entre as confissões era muito próxima, uma vez que estavam parcialmente separados pelas confissões, mas unidos por interesses comuns.

²³ Uma observação sobre a nomenclatura. A tradução correta do alemão, *Katholikentag*, quer dizer: Dia do Católico. No Brasil houve traduções diferentes, Congresso Católico ou Assembleia Católica. As brochuras produzidas para a divulgação dos *Katholikentage* no Brasil levavam o título de *Generalversammlung der deutschen Katholiken* - Encontro Geral dos Católicos Alemães. Neste artigo vamos usar a terminologia Congressos Católicos.

²⁴ “a) Zusammengehen mit andersgläubigen: Die General-Versammlung erklärt es nicht nur für nützlich, sonder auch für nötig, dass die Katholiken sich mit anders-gläubigen Mitbürgern in Landwirtschaftlichen Vereien zusammenthun”.

3.2. Proteger a germanidade²⁵ (*Deutschum*) e a língua alemã.

A imigração alemã não foi apenas um ato de sobrevivência econômica, mas também uma forma de manter certos padrões culturais tradicionais que na Europa estavam sendo questionados pelas revoluções liberais e pela revolução industrial. Na Alemanha este processo foi definido como *Kulturkampf*, (luta da cultura) que teve seu apogeu com Bismarck e sua política de unificação da Alemanha. “O citado processo levava em seu bojo o objetivo de uma reorientação do modelo cultural tradicional da Alemanha. Atingiu-se profundamente uma série de valores ciosamente cultivados durante gerações” (RAMBO, 1985:16). Os valores mais questionados eram a religião e a educação religiosa. Aqui no sul do Brasil os imigrantes viram-se livres das pressões provocadas pelo *Kulturkampf* e, ironicamente, a cultura que estava sendo ameaçado na Europa, foi o ponto de unidade dos imigrantes alemães aqui no sul do Brasil.

Côncios desde a primeira hora da ambientação precária para não dizer adversa e decididos a não abrirem mão do passado cultural e religioso, as comunidades teutas puseram mão à obra, antes que fosse tarde, no sentido de prevenirem uma ruptura cultural, fatal e inevitável. E o meio que lhes pareceu mais eficaz, encontraram-no na própria bagagem cultural trazida da pátria de origem (RAMBO, 1985: 13).

Por essa razão procuraram reconstruir uma pequena Alemanha (*Heimatsland*) no sul do Brasil para preservar e desenvolver a germanidade. Camerlander (1931: 83) escreveu: “devemos agradecer especialmente aos jesuítas por terem preservado junto aos colonos do sul do Brasil a herança da pátria mãe, o calor da crença e da religiosidade alemã e com isso os mais seguros fundamentos da língua alemã e dos costumes foram preservados”²⁶. Os alemães e os missionários possuíam um alto grau de consciência da sua germanidade, por isso fizeram do Brasil sua nova pátria. “Os alemães por livre motivação tornaram-se

²⁵ A essência do germânico é a germanidade. O povo é o componente central da germanidade, compreendido como uma comunidade, uma família afirmada na sua descendência e unida pela língua, pela raça, pela cultura e pela religião. Cf. ARENDT (2008: 99-112).

²⁶ “Vor allem ist es den Jesuiten zu danken, daß den deutschen Kolonisten Südbrasilens das beste Erbe aus ihrer Heimat, die deutsche Glaubenswärme und Religiosität, und damit die festeste und sicherste Grundlage deutscher Sprache und Gesittung erhalten blieb”.

brasileiros e querem assim permanecer. Mas sentem-se pertencentes ao povo alemão”²⁷ (GEHSE, 1931: 12). Neste caso era fundamental proteger a língua alemã, o Jesuíta Franz Zartmann declarou:

Nós alemães católicos queremos ser bons e fiéis cidadãos brasileiros. Nós também queremos proteger a língua brasileira, pois só assim poderemos gozar da cidadania brasileira e exercer a adequada influência para o bem do país. Mas nós nos manteremos firmes na nossa língua-mãe, pois ela é o apoio e a intermediação dos mais altos tesouros da cultura alemã²⁸ (DIE DEUTSCHEM, 1912/1914: 621).

A tarefa dos jesuítas entre os alemães era proteger e desenvolver a cultura alemã por meio de uma rápida institucionalização da Igreja, da escola e da imprensa. A escola cumpriu um papel estratégico neste processo. Amstad (1911/1912: 17), referindo-se as dificuldades extremas dos imigrantes em suas colônias, pergunta: “O que manteve o colono alemão sobre a água? Foram duas coisas: seu empenho pela escola e a observação do domingo santo”²⁹. A escola foi tão importante, pois ela “foi o meio central para manter a religião”³⁰ (AMSTAD, 1911/1912: 18). Escola e religião não se separam entre os imigrantes alemães, elas se retroalimentam. A escola necessitava da religião para se desenvolver e a religião necessitava da escola para catequizar. Na escola também se preservou a língua alemã. Segundo Grützmann (apud ARENDT, 2008: 133) a língua para o germano é “o espelho e a transmissora da essência do alemão, sendo visto como um autêntico repositório do caráter nacional”. Daí o esforço dos colonos e dos missionários para desenvolver e manter a escola em funcionamento. Voltaremos ao tema da escola e da educação nas próximas páginas.

3.3. A imprensa.

²⁷ “Die deutschen Einwanderer sind aus freiem Antriebe Brasilianer geworden und wollen es auch bleiben. Zugehörig aber fühlen sie sich zum deutschen Volk”.

²⁸ “Wir deutschen Katholiken wollen gute und treue brasilianische Bürger sein. Wir wollen auch die brasilianische Sprache pflegen, weil wir nur so die bürgerlichen Rechte voll geniessen und den uns gebührenden Einfluß zum Wohle des Landes ausüben. Aber an unserer deutschen Muttersprache halten wir fest, weil sie für uns der Träger und Vermittler der hohen deutschen Kulturgüter ist”.

²⁹ “Was die ersten deutschen Kolonisten solange ‘über Wasser’ gehalten hat, das waren besonders zwei Dinge: ih Eifer für die Schule und ihre Treue in heilighaltung des Sonntags”.

³⁰ “Die Schule aber war ein Hauptmittel, um die Religion zu erhalten”.

A imprensa foi também fundamental para o desenvolvimento social, cultural e espiritual das colônias alemãs no sul do Brasil. Segundo o padre Jesuíta Teodoro Amstad (1924: 280) ela foi “o meio universal para o desenvolvimento espiritual”³¹ das comunidades alemãs. Erwin Buchmann (1956: 224) definiu assim o papel e a importância da imprensa entre os colonos alemães:

Ela trouxe desde os primeiros imigrantes em seu difícil combate existencial uma ajuda ativa, ao mesmo tempo ela contribuiu em todos os sentidos para o entendimento das diferenças entre os nativos e eles. Ela representou corajosamente os interesses dos colonos alemães, quando foi necessário [...]³².

A Imprensa gozava de grande prestígio entre os imigrantes alemães. De acordo com Hans Gehse (1931) surgiram em todo o Brasil entre 1852 e 1931, 67 jornais em língua alemã, obviamente nem todos ligados a Igreja. Estes jornais podiam representar os mais diferentes interesses. Destes, 25 estavam no Rio Grande do Sul, os demais nos estados onde houvera imigração alemã, como os estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

Os principais jornais do Rio Grande do Sul foram: Deutsche Kolonist, este teve curta duração, nasceu em 1852 e deixou de circular em 1853; Der Einwanderer, veio do Rio de Janeiro para Porto Alegre em 1853 e circulou até 1863; Deutsche Zeitung 1861; Der Koseritz Deutsche Zeitung, circulou entre os anos de 1882 a 1906, quando mudou de nome para Neue Deutsche Zeitung. Estes dois últimos, segundo Rambo (2003:65), “Foram os porta-vozes do pensamento liberal teuto-rio-grandense”. Der Bote von São Leopoldo criado em 1867 circulou até 1877, seguiu o editorial dos dois jornais anteriores. Ainda circulavam outros jornais: Neue Zeit 1880; Vorwärts 1880; Deutsche Presse 1882 e o Pioner 1897. Um jornal de destaque era o Deutsche Post, protestante que conflitou bastante com o Deutsches Volksblatt, vinculado a Igreja Católica. Além desses jornais que possuíam circulação nacional havia também jornais regionais. É caso do Serra Post, editado em Ijuí – RS, e

³¹ “Das Universalmittel der geistigen Entwicklung”.

³² “Sie brachte schon den ersten Einwanderern in ihrem oft schweren Existenzkampf aktive Hilfe, sie hat zugleich aber auch überall mitgewirkt, das notwendige gegenseitige Verstehen zwischen den Einheimischen und ihnen zu schaffen. Sie hat freimütig die Interessen der deutschen Kolonisten vertreten, wenn es not tat [...]”.

distribuído nas regiões colônias nova acima da serra no Rio Grande do Sul. Outro jornal com características semelhantes era o Kolonie, criado em Santa Cruz do Sul em 1891, que atendia os imigrantes do vale do Rio Pardo.

Entre os mais populares estava o Das Deutsche Volksblatt, criado em 1871 pelo padre Jesuíta Wilhelm Feldhaus e que teve como redator Jakob Dillinburg. Ele esteve sob a direção dos padres Jesuítas até 1890. Após essa data foi transferido para uma sociedade anônima denominada Tipografia do Centro, que teve como seu redator Hugo Metzler (KLAUCK, 2009: 97). O jornal começou modesto, mas em 1907 já era o maior jornal do Rio Grande do Sul, com 3240 assinaturas (DIEL, 2001: 327). Inicialmente ele era editado duas vezes por semana. Este jornal foi um importante instrumento para os jesuítas difundirem notícias sobre economia, cultura, política e religião, como também para neutralizar a ação dos liberais que agiam contra eles, era o caso do Der Bote, do Die Deutsche Zeitung e o Neue Deutsche Zeitung. O jornal Das Deutsche Volksblatt encerrou suas atividades em 1942. Falando da história deste Jornal Rambo (2003: 69) descreve:

Na primeira fase, 1871-1890, serviu para marcar o espaço ocupado pelos católicos teutos no Rio Grande do Sul. [...] Nos restantes quase cinquenta anos de sua existência, o Deutsches Volksblatt, apesar de muitos contratemplos e dificuldades, cumpriu a sua missão de bem informar e formar os seus leitores. Esteve sempre a serviço das organizações dos católicos teutos do Rio Grande do Sul, de modo especial dos congressos católicos que se realizavam regularmente a partir de 1897. Acompanhou, divulgou e promoveu a Associação Riograndense de Agricultores na primeira década do século XX e, a partir de 1912, a Sociedade União Popular, dois projetos ambiciosos de desenvolvimento socioeconômico, cultural, religioso, educacional e de promoção humana em termos mais gerais.

Outra modalidade de imprensa muito popular eram os almanaques. Sua edição anual facilitava a sua circulação pelas colônias. Os jornais com edição semanal ou bi semanal tinham dificuldades de chegar até seus leitores, especialmente nas colônias e picadas que ficavam distantes e o acesso era difícil. Eles eram muito apreciados por causa da sua utilidade: informavam os dias, as estações do ano, o movimento da lua, os períodos adequados para o plantio e possuíam espaços para anotações cotidianas. Também traziam artigos informativos e formativos, poesias, contos, bem como histórias de humor. Os principais almanaques que circulavam em 1924 eram: Koseritz Deutscher Volkskalender,

1874; Kalendar für die deutsche in Brasilien, 1881; Familienfreund Kalender, 1912; Riograndenser Marienkalender, 1916; Kalender der Riograndenser Synode, 1922; Kalender der Serra Post, 1922 (AMSTAD, 1924: 281-282). O Koseritz Deutscher Volkskalender é o mais antigo almanaque, era deliberadamente liberal e conflitiva com interesses católicos e protestantes. O segundo mais antigo é o Kalendar für die Deutsche in Brasilien, criado em 1881 pelos protestantes. O almanaque católico era o Familienfreund Kalender, que circulou a partir de 1912. Houve outro calendário publicado pelos jesuítas, o Ignatius Kalender, entretanto sua primeira edição foi bem mais tardia em 1933 (RAMBO, 2003: 73-76).

Além dos jornais e almanaques circulavam também os periódicos. Os mais importantes foram: Evangelisches Sontagsblatt, publicado a partir de 1887 pelo Sínodo Rio-grandense. O segundo mais antigo é o Brasiliansiche Bienenpflege de 1896. A partir de 1900 circulou o Bauernfreund, era um periódico vinculado ao Bauernverein (Associação Rio-grandense de Agricultores) que circulou até 1914. Os professores após a criação da Lehrerverein (Associação dos Professores) em 1898, também produziram seu periódico, o Lehrerzeitung. Em 1901 os professores evangélicos circularam o Allgemeine Lehrezeitung. Dentre os mais destacados está o Sankt Paulusblatt³³, criado em 1912 com edição mensal e publicado pela Volksverein (Sociedade União Popular). Segundo Rambo (2003: 77) “este periódico mensal veio para fazer parceria com o jornal diário Deutsches Volksblatt e o almanaque Familienfreund Kalender”.

Entre os católicos quem impulsionou o desenvolvimento da imprensa foram os Congressos Católicos. No Congresso Católico realizado na cidade de Estrela – RS no ano 1908, o tema central foi o apostolado da imprensa. Na ocasião foram discutidos os fatores que impediam o desenvolvimento da imprensa: as grandes distâncias, a péssima organização do correio e a falta de educação (ÜBER DAS APOSTOLAT..., 1909/1911: 28-29). A imprensa estava na pauta de quase todos os Congressos Católicos. Werle (2004:132-138) analisou de forma detalhada os debates dos Congressos Católicos com referência a

³³ Sobre este periódico sugiro a leitura da tese de Samuel Klauck, com o título: “O Apostolado da Imprensa: a Revista St. Paulus-Blatt como Instrumento de Informação, Formação e Catequese no Rio Grande do Sul (1912-1934)”. Neste trabalho o autor aprofunda a pesquisa da relação entre a imprensa teuto católica, seu caráter confessional e sua missão social de desenvolvimento do associativismo por meio do Volksverein. O autor descrever como os teuto católicos do Rio Grande do Sul integraram imprensa, confessionalidade e desenvolvimento social.

imprensa e identificou duas tendências: a primeira era combater a má imprensa, que se opunha à Igreja, aos princípios cristãos, atacava os bons costumes e difundia ideias liberais e comunistas; a outra tendência estava centrada no interesse em difundir e promover a boa imprensa católica. “A Imprensa católica deve estar na linha de frente do povo católico para combater em favor das coisas de Cristo e da sua santa Igreja, esta é a sua missão primordial”³⁴ (IAP: Katholikenversammlung, 1928:37).

Segundo Klauck (2009:94), “Dentro do quadro eclesiástico, os jesuítas serão os principais responsáveis pela ação e defesa da Igreja e da catolicidade via — ‘*apostolado da pena*’”(grifo do autor). Essa era uma tarefa necessária, pois como vimos acima a imprensa estava representada por diferentes correntes de pensamento e também pelos protestantes.

Devemos considerar que a ação do *apostolado da pena* passa a ser um princípio geral da Igreja frente aos ataques que esta sofria da imprensa considerada ímpia. Dessa forma, paralelamente à imprensa de cunho instrutivo e formativo, os jesuítas e a Igreja se empenharam pela implantação de uma imprensa defensiva e combativa. Ação que resultou em um cabo de guerra, cujo fim último era manter a catolicidade (KLAUCK, 2009: 95).

Com uma imprensa tão representativa era inevitável que ela conflitasse entre si por interesses ideológicos e confessionais. No entanto, para além dos interesses religiosos e confessionais havia na imprensa católica uma preocupação pedagógica com o desenvolvimento social, humano, educacional, cultural, ético e religioso dos seus leitores. A imprensa católica procurou formar e informar.

3.4. O desenvolvimento social.

Os jesuítas alemães desenvolveram juntamente com os imigrantes alemães os princípios da Doutrina Social da Igreja. Objetivamente ela nasceu com a *Rerum Novarum*, publicada pelo papa Leão XIII em 1891. No entanto, desde a sua chegada a Província do Rio Grande do Sul, os jesuítas se empenharam no desenvolvimento econômico e social dos imigrantes alemães. A inspiração para este trabalho veio da própria Alemanha, pois alguns

³⁴ Die katholische Presse muss dem katholischen Volk vor allem vorgehen im Kampfe um die Sache Christi und seiner heiligen Kirche, das sei die erste und vornehmste Aufgabe.

bispos daquele país haviam compreendido que o principal problema da Igreja e da sociedade europeia do século XIX era a questão social. Desta percepção surgiram iniciativas na Alemanha que serão desenvolvidas no Brasil. Uma delas é a instituição dos Congressos Católicos (*Katholikentag*)³⁵, grandes encontros, nos quais os católicos se reuniam e debatiam temas ligados a religião e as questões sociais. No Brasil os Congressos Católicos perseguiram objetivos muito idênticos, segundo Lutterbeck (1977: 123-124) “o fim principal de tais congressos era evidentemente a intensificação da vida e ação religiosa-cristã, bem como a união dos católicos teutos para a solução de seus problemas mais candentes”. De acordo com o padre Arthur Rabuske (1974: 36),

Esses Congressos Católicos se realizavam regularmente de dois em dois anos e importaram, [...] numa espécie de revista de tropas do exército católico de alemães e seus descendentes no sul do Brasil. [...] Observa-se, outrossim, que esses Congressos Católicos constituíam, de cada vez, um marco novo para a evolução da vida católica associativa na Colônia Alemã do Rio Grande do Sul, com influência também em outros estados, máxime os vizinhos.

Os mentores dos Congressos Católicos no Brasil foram os Padres Pedro Gaspar, Eugênio Steinhert e Carlos Schlitz (LUTTERBECK, 1977: 123). Os jesuítas pretendiam desde muito tempo promove-los, entretanto as dificuldades o impediam. Depois de um ensaio geral em 1897 na paróquia Bom Jardim, hoje Ivoti – RS ocorreu o primeiro Congresso Católico no Rio Grande do Sul na cidade de Harmonia entre os dias 24 e 27 de março de 1898. Os seguintes ocorreram na cidade de Santa Clara (Lajeado) 1899; Santa Catarina do Feliz 1900; Santa Cruz 1901; São Miguel dos Dois Irmãos 1903; Bom Princípio 1905; Estrela 1907; São Salvador 1910, Venâncio Aires em 1912 (WERLE, 2004: 125)³⁶.

³⁵ O primeiro Congresso Católico na Alemanha ocorreu no ano de 1848 na cidade da Mogúncia (*Mainz*). Pretendiam mobilizar os católicos que viviam tempos difíceis de perseguição e dispersão, bem como apoiar o Partido do Centro (*Zentrumspartei*) que se propôs defender os interesses da Igreja no Parlamento Alemão contra a direita liberal e a esquerda marxista (KISSLING, 1923).

³⁶ Werle indica a existência de apenas 17 Congressos Católicos, na verdade foram 21 ocorridos entre 1898 e 1962. Houve também um Congresso Regional em Três Arroios, na diocese de Santa Maria. Eles ocorrem com certa periodicidade, de dois em dois anos, mas foram interrompidos duas vezes. A primeira vez entre os anos de 1916 e 1924, devido aos transtornos ocasionados pela primeira guerra mundial. Em 1924 foram retomados por ocasião dos festejos do centenário da imigração alemã ao Brasil. Entre os anos de 1924 e 1942 realizaram-se mais nove Congressos Católicos que foram novamente interrompidos em virtude da segunda guerra

Os Congressos Católicos eram solenes, práticos e de grande mobilização. Deles nasceram as grandes instituições que iriam marcar a vida social dos católicos alemães do Rio Grande do Sul. Cito as três mais importantes. No primeiro Congresso Católico foi criada a *Lehrerverein* (Associação dos Professores Católicos). No terceiro congresso realizado na cidade de Feliz em 1900 foi criada a *Bauernverein* (Associação Rio-grandense de Agricultores) (LUTTERBECK, 1977:126-127). Nos estatutos fica claro o que pretendia a *Bauernverein*:

Constitui-se em finalidade da Associação colocar a colônia alemã em condições de promover, na medida do possível, a si mesma das necessidades relativas a gêneros alimentícios, vestuário, instrumentos de trabalho, instalação de moradias e, ao mesmo tempo, incentivar as atividades e a infraestrutura de utilidade comunitária (RAMBO, 2011: 86).

A *Bauernverein* teve atuação destacada do padre Theodor Amstad, que pronunciou um discurso esplendoroso na ocasião da sua criação. Destacou a necessidade de o Brasil tornar-se independente economicamente do estrangeiro. Perguntava-se: Qual é o caminho para libertar o país do estrangeiro? Para isso sugeriu, em seu longo discurso, uma série de ações (Cf. RAMBO, 2011:66-76). Infelizmente a *Bauernverei* manteve-se somente até 1909, quando se transformou em sindicato. É importante ressaltar seu caráter interconfessional, pois ela abrigava católicos e protestantes, bem como agricultores lusos brasileiros e italianos. Rambo (2011: 232-234) afirma que esta foi uma instituição que esteve bem à frente do seu tempo, mas que infelizmente pereceu³⁷. No entanto a importância da Associação Rio-grandense de Agricultores não se restringe ao fato da sua interconfessionalidade. Para Schallenberger (2009:264) sua grandeza,

Está, sobretudo, na implantação do associativismo cristão, com a projeção de um modelo de colonização e de organização social produtiva, centrados nas relações de cooperação, que, a partir das referências étnico-culturais e religiosas, promoveram um desenvolvimento comunitário que se orientava pelos princípios da autonomia e da autossuficiência.

mundial. Depois disso temos notícias de mais dois Congressos Católicos, um na cidade de São Carlos, Santa Catarina no ano de 1960 e outro na cidade de Bom Princípio no Rio Grande do Sul em 1962. Existe pouca literatura sobre os Congressos Católicos alemães no Brasil. Atualmente o autor deste artigo prepara um estudo sobre os mesmos. Informações a respeito do tema podem ser encontradas dispersas nos Jornais e calendários: Sank Paulusblatt, Deutsches Volksblatt, Marienkalender e Familienfreund Kalender.

³⁷ Para aprofundar o tema da interconfessionalidade e as causas da crise que levaram a transformação da *Bauernverein* em sindicato, confira o artigo de RABUSKE (1974:31-53).

Com o fim da Bauernverein, as lideranças católicas tendo a sua frente o padre Theodor Amstad e o jornalista Hugo Metzler partiram para novos projetos. Assim, no nono Congresso dos Católicos na cidade de Venâncio Aires em 1912 foi criada a Volksverein (Sociedade União Popular). Esta que viria a ser a instituição social mais importante entre alemães católicos do Rio Grande do Sul. O padre Theodor Amstad assim definiu seus objetivos: “Unir toda a população católica de procedência alemã aqui do Rio Grande do Sul para trabalharem conjuntamente, este é o objetivo da Sociedade Católica União Popular”³⁸ (IAP: Sankt Paulusblatt, n.44, 1962: 60). No esboço dos estatutos consta: “A finalidade da sociedade consiste em promover o bem estar tanto material como espiritual dos católicos de descendência alemã no Rio Grande do Sul. A língua da sociedade é o alemão” (RAMBO, 2011:239). Depois enumerou as áreas de atuação da sociedade:

1. Por em prática as resoluções das assembleias gerais dos católicos; 2. Preocupar-se com novas colonizações para católicos; 3. Desenvolver iniciativas católicas de beneficência e assistência, concretizadas na medida em que a necessidade o aconselhar; 4. Uma constante e general promoção das escolas paroquiais católicas; 5. Difusão da boa imprensa e da boa leitura assim como a edição e distribuição gratuita aos associados de uma publicação periódica; 6. A instrução popular mediante palestras e conversações; 7. A intermediação de empregos e informações; 8. Assistência jurídica aos associados (RAMBO, 2011: 239-240).

A Sociedade União Popular é um projeto de caráter confessional e étnico, ou seja, para alemães católicos. Este foi um retrocesso em relação à Associação Rio-grandense de Agricultores. Rambo (2011: 245) afirma: “constata-se inclusive uma tendência visível a uma atitude apologética”, referindo-se à afirmação de que a língua oficial da Sociedade União Popular é o alemão. Em razão da sua confessionalidade as paróquias se constituam na base organizativa da Sociedade União Popular. Elas formavam um distrito. As capelas ou escolas desta paróquia formavam uma sessão e várias sessões reunidas formavam uma associação local. A união de todas as sessões formaria a Sociedade União Popular (Sankt Paulusblatt, n. 3, 1914: 33).

³⁸ “Die gesamente katholische Bevölkerung deutscher Abstammung hier im Staat Rio Grande zur gemeinsamen Arbeit zur vereinigen, das ist der Zweck des heutigen zu gründenden ‘Katholischen Volksverei’”.

O associativismo não é uma novidade entre os imigrantes alemães no Sul do Brasil. Segundo o padre Theodor Amstad (1924: 337-342) havia no Rio Grande do Sul no ano de 1927, 327 associações. Muitas delas eram associações históricas. A novidade da Sociedade União Popular é que ela atuava como uma espécie de parlamento católico, que coordenava as ações cooperativas dentro do espírito católico. Schallenberger (2003: 15) se manifesta a este respeito.

A Igreja da Imigração, atenta aos vazios da colonização, tratou de mediar a organização do espaço público, tomando-se portadora de um discurso identitário e valendo-se para tal dos instrumentos da religião e da língua. Tratou, tão logo, de associar o espaço público à formação de comunidades religiosas, constituídas sobre os pilares das escolas paroquiais e das igrejas, que, além das funções da recriação cultural e do culto, dinamizaram a vida associativa.

A Sociedade União Popular é uma obra de grande força empreendedora. Theodor Amstad, “o pequeno padre”, juntamente com o padre Rick, o padre Kniest³⁹ e o padre Lassberg, foram hábeis em perceber as necessidades de seu tempo e de ousarem na criação de um organismo que abarcava a vida social e religiosa dos colonos. Os jesuítas não se ocuparam apenas do cuidado das almas, se preocuparam com o corpo também, com o desenvolvimento econômico e social das colônias. O catolicismo dirigia a vida espiritual e a vida social das comunidades teuto católicas.

3.5. Educação.

Padre Ambrósio Schupp (1974: 462), escreveu: “Depois da Igreja nada é mais importante do que as escolas”⁴⁰. Por isso, “enquanto os lusos brasileiros esperavam que o governo colocasse uma escola na frente da sua porta e os italianos e poloneses dificilmente

³⁹ Erneldo Schallenberger (2009: 269-348) descreve a história da Sociedade União Popular dividindo-a em três eras: era Amstad, era Rick e era Kniest. O autor descreve o contexto e desafios de cada era e também a influência destas três personalidades sobre a Sociedade União Popular.

⁴⁰ “Neben der Kirche ist nichts so wichtig wie die Schulen”.

se mobilizavam para a construção de escolas, para os imigrantes alemães era a sua primeira preocupação: como obter uma escola?”⁴¹ (AMSTAD, 1924: 409).

Para os jesuítas a escola mereceu uma atenção toda especial. Seu lobby era: “quem tem a juventude, tem o futuro”⁴² (AMSTAD, 1936-1938: 21). O sacerdote secular alemão, Padre Joseph M. Jakobs, que trabalhou em Blumenau juntamente com os colonos alemães, opinava que as escolas são tão importantes para a salvação das almas quanto a Igreja, e por isso: “os padres fiéis à sua missão precisam fundar e dirigir escolas católicas”⁴³ (SCHAETTE, 1931: 135). Para os colonos alemães, a Igreja deveria estar a serviço da escola e a escola a serviço da Igreja. Escola e Igreja eram inseparáveis. Os padres exigiam que a primeira comunhão fosse dada às crianças somente após terem frequentado a escola elementar. Os objetivos das escolas elementares foram descritos pelo padre franciscano Espey (1935: 21): “As crianças não deveriam crescer selvagens; elas deveriam, pelo menos, aprender os rudimentos da leitura e da escrita, bem como obter os conhecimentos religiosos mais essenciais”⁴⁴.

A história da escola e da educação entre os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul pode ser dividida em duas partes, antes e depois da criação da *Lehrerverein* (Associação dos Professores). Até esta data a escola germânica se desenvolveu de forma espontânea e local. Os professores não possuíam uma formação específica, tornavam-se professores porque sabiam um pouco mais que os demais ou porque as lidas do campo lhes eram pesadas demais. Com o desenvolvimento das escolas⁴⁵ os próprios professores perceberam

⁴¹ “Denn während der Lusobrasilianer wartet, bis ihm die Regierung die Schulen vor die Türe setzt, und der Italiener und der Pole nur schwer zur Gründung von Schulen zu bewegen sind, war es immer die erste Sorge der deutschen Kolonisten: Wie bekommen wir eine Schule?”

⁴² “Wer die Jugend hat, hat die Zukunft”.

⁴³ “Müssen pflichtgetreue Priester katholische Schule gründen und leiten”.

⁴⁴ “Die Kinder sollten nicht wild aufwachsen; sie müßten wenigstens die Anfangsgründe im Lesen und Schreiben lernen und sowie die nötigen Kenntnisse in der Religion erlernen”.

⁴⁵ Theodor Amstad (1924: 414-416) divide a história da escola entre os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul em quatro períodos: o primeiro entre 1824 a 1850, quando as colônias contavam com apenas cinco escolas católicas germânicas; o segundo período se estende entre 1850 e 1875, com um crescimento substancial, saltando para 50 escolas, 40 no entorno de São Leopoldo e 10 nas colônias do Taquari e Santa Cruz. O terceiro período vai de 1875 a 1900, quando seu número salta para 146 escolas, triplicando sua quantidade. A grande expansão do último período vai exigir novas formas de organização e é neste contexto que nasce a Associação dos Professores. O quarto período vai de 1900 até 1924. Rambo (1994: 25-41) estende este período até 1938. Amstad indica este período até 1924, pois sua obra foi publicada naquele ano. Segundo o Almanaque Familienfreund (1922:88-99), no ano de 1920 havia 283 escolas católicas com 11.901 alunos no Rio Grande do Sul.

a necessidade de se organizarem. Lentamente “o pioneirismo quase épico e desinteressado cederá, progressivamente, espaço sempre maior ao espírito profissional, o qual requeria, por sua vez, uma estruturação operacional adequada aos novos tempos e as novas exigências” (RAMBO, 1996: 8). Destas necessidades nasceu no primeiro Congresso Católico em 26 de março de 1898 a *Lehrerverein*. Nos estatutos da Associação estão definidos seus objetivos:

A Associação dos Professores e Educadores Católicos propõe como finalidade geral a educação da juventude cristã, calcada nos princípios da Igreja Católica. Em particular propõem-se: fomentar a educação escolar; a preservação e o aperfeiçoamento das nossas escolas católicas paroquiais; a formação de um professorado eficiente e fiel aos seus deveres; a promoção dos interesses espirituais e materiais dos professores e a aquisição de material de ensino adequado (RAMBO, 1996:14-15).

O padre Schupp (1974: 419), definiu assim a associação dos professores:

A associação de professores católicos tem como objetivo formar um virtuoso e fiel modelo de ensino de acordo com o espírito da Igreja Católica e, por meio deste, juntamente com o interesse das escolas e da população em geral, fomentar, mediante uma cristã concórdia, um maior interesse na valoração do estudo e uma devida atenção ao mesmo⁴⁶.

Grande parte dos professores das escolas comunitárias católicas tornaram-se membros da Associação dos Professores. A partir de então estes se reuniam periodicamente de dois em dois anos em assembleias para tratarem dos principais temas da educação: currículo escolar; propostas pedagógicas, avaliações, comportamento dos alunos, a família e educação dos filhos, religião e educação, remuneração dos professores etc⁴⁷. A Associação dos Professores Católicos do Rio Grande do Sul, sob a coordenação dos padres jesuítas irá criar entre as escolas teuto um sistema escolar muito bem organizado. As escolas terão um currículo definido, o ciclo da formação básica será de quatro anos e

⁴⁶ “Der Katholische Lehrerverein verfolgt den Zweck, einen tüchtigen, pflichttreuen Lehrerstand im Geist der katholischen Kirche heranzubilden, und allen den Lehrerstand und die Schulen betreffenden Interessen so viel wie möglich durch gemeinsames Vorgehen in echt christlicher Eintracht zu foerdern, um so die dem Lehrerstand gebuehrende Stellung und Achtung immer mehr zu sichern”.

⁴⁷ Para um estudo mais detalhado das assembleias dos professores confira a obra do professor RAMBO (1996: 11-67).

desenvolver-se-á uma filosofia educacional comum e coesa implementada por uma estratégia didática pedagógica coerente e eficiente. Além disso, a Associação dos Professores contou com um instrumento estratégico de capital importância, o *Lehrerzeitung* (Jornal do Professor). O Jornal do Professor era mantido e editado pela Associação dos Professores.

A preocupação central da Associação dos Professores era com a formação e qualificação dos seus membros. Para tanto fora criada na décima primeira assembleia da Associação dos Professores em abril de 1923 as Escolas Normais. A primeira escola foi instalada na cidade de Arroio do Meio entre 1924 e 1929. Em 1930 ela foi transferida para Hamburgo Velho onde permaneceu até 1939 (RAMBO, 1996: 111-165).

O professor era o elemento fundamental de todo o processo. Nas colônias alemãs o professor cumpria múltiplas funções, religiosas, administrativas, culturais, morais e políticas. Ele era o professor, o padre, o administrador da comunidade e da contabilidade, o organizador das atividades culturais. Para exercer tamanha responsabilidade deveria ser um exemplo de conduta moral e religiosa. Uma colônia alemã podia sobreviver sem a presença contínua do padre, mas jamais sem o professor. Rambo (1996: 173) chega a afirmar que numa escala de valores o professor comunitário estava acima do próprio padre. “Essa posição ímpar, acompanhada de atribuições de fundamental importância, exige do professor uma habilitação peculiar e complexa”. Por isso, havia por parte dos colonos e dos padres um controle rigoroso sobre o professor. Quando encontravam um candidato, ele precisava dar sua palavra de honra de que sabia ler, escrever e calcular. Não bastava ao professor saber somente o conteúdo ordinário e específico das suas aulas, ele também precisava saber discorrer sobre a religião e estar convicto de sua fé para fundamentá-la e repassá-la a seus alunos. Lucio Kreutz (1991:103) menciona algumas qualidades e atividades que os professores das comunidades deveriam possuir e desenvolver:

1. Ele precisava estar convicto de sua fé e tomar parte na vida religiosa da comunidade;
2. Ele devia organizar as celebrações nos domingos e feriados;
3. Ele deveria ter um bom relacionamento com o pároco;
4. Ele deveria divulgar a boa imprensa na comunidade, jornais, revistas, etc;
5. Ele deveria auxiliar as associações e trabalhar com elas;
6. Ele deveria ter

um bom relacionamento com toda a comunidade; 7. Ele deveria esforçar-se pela limpeza e ordem e ensiná-las aos alunos.

Os professores estavam convictos que possuíam uma missão sagrada e que a recebiam de Cristo (KREUTZ, 1991: 94). Estava claro aos professores que sua missão era introduzir seus alunos na educação religiosa e na formação de seu caráter, antes mesmo de iniciar os alunos em qualquer outro conhecimento. O professor era o representante do pároco nas comunidades católicas. Os padres esporadicamente estavam presentes nas comunidades, assim na ausência do padre os professores assumiam suas atividades na formação religiosa de seus alunos, bem como na liturgia. O professor fazia a ligação entre o pároco e a comunidade e a ele cabia trabalhar para conservar e vigiar a vida religiosa, a moral e os bons costumes. Por esta razão, eram-lhe vetadas algumas atividades, tais como jogar cartas, tomar bebidas alcoólicas, longa permanência nos bares e o contato com moças. Além disso, ele não podia ter relações com partidos políticos e tampouco ter dívidas, pois assim poderia perder sua independência (KREUTZ, 1991: 104).

A escola teuto católica do Rio Grande do sul se desenvolveu quanti e qualitativamente até o decreto de nacionalização em 1938. Nesta longa história Rambo (1994:85) identificou três grandes objetivos da escola e da educação: salvaguardar os imigrantes e seus descendentes da decadência cultural, a escola conseguiu manter intacto elementos essenciais da germanidade; segundo, a escola intensificou e generalizou na consciência do imigrante a necessidade de uma integração cada vez mais completa no todo da nacionalidade; terceiro, foi a escola pensada como meio de preservar o nível moral e religioso dos imigrantes.

A escola teuto católico é uma escola que vem embutida na tradição germânica. Enquanto que no Brasil Imperial a escola ainda era um elemento estranho de grande parte da sociedade brasileira, os imigrantes alemães já a tinham em grande estima. A escola teuto católica é um milagre da eficiência e da habilidade dos jesuítas e dos alemães imigrados, pois ela praticamente eliminou o analfabetismo nas colônias alemãs, enquanto o Brasil ainda era um país com 80% de analfabetos (RAMBO, 1996:238-239). Ela não foi uma escola do progresso positivista ou liberal, foi uma escola da cultura germânica, da religião católica e das famílias teuto católicas. Ela cumpriu com méritos a sua missão de manter

viva e desenvolver a germanidade, bem como a tradição religiosa católica, porque soube se organizar com autonomia, dinamismo e criatividade.

6. Considerações finais.

Neste artigo procuramos descrever os caminhos percorridos pelos jesuítas ao retornarem ao Brasil em 1844, com enfoque especial nas atividades pastorais desenvolvidas entre os imigrantes alemães que se estabeleceram na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul a partir de 1824. O retorno foi marcado por inúmeras dificuldades oriundas dos velhos conflitos políticos, filosóficos, religiosos e culturais que determinaram a extinção da Sociedade de Jesus em 1773, mas que permaneciam latentes na sociedade europeia e brasileira do século XIX. Os jesuítas após a restauração da Ordem em 1814 continuaram expoentes de um modelo tradicional de Igreja marcado pelo ultramontanismo. Era um catolicismo conservador que se mostrava intolerante e fortemente combativo de todos os princípios filosóficos do liberalismo. Este espírito determinou a volta dos Jesuítas ao Brasil. Desejavam reconstruir uma cristandade que uniria os católicos e a sociedade ocidental ao redor da autoridade da Igreja e do Papa. Os jesuítas permaneciam fiéis aos velhos ideais da Igreja e do Papado, tanto que Domingos (2014: 295) arremata: “os jesuítas não queriam deixar de ser jesuítas”. Esta perspectiva já não se adequava mais ao contexto da sociedade liberal brasileira do século XIX. Na medida em que as ideias liberais se difundiam na política, na imprensa, na economia e na sociedade em geral, aumentava a resistência à presença dos Jesuítas no Brasil. Em decorrência disso o retorno foi controverso e cheio de dificuldades.

No entanto, entre os imigrantes alemães no sul do Brasil os jesuítas alemães encontraram condições favoráveis e objetivas para construir uma cristandade católica germânica. Dois fatores contribuíram para isso: primeiramente, os imigrantes alemães que haviam se estabelecido na Província do Rio Grande do Sul desde 1824 viviam num determinado isolamento regional, geográfico e cultural. Martin Dreher (1984:39) afirma que “os imigrantes alemães desde o principio estavam em situação de marginalidade”. Um segundo fator importante foi que os imigrantes alemães católicos ao chegarem ao Brasil já

estavam familiarizados com o catolicismo trentino⁴⁸ ultramontano. Neste catolicismo o monopólio dos bens de salvação pertence à Igreja e ao clero, em razão disso, os imigrantes necessitavam da presença do padre e da Igreja para as suas desobrigas religiosas.

Neste ambiente, os jesuítas alemães irão construir juntamente com os imigrantes alemães católicos uma pequena cristandade germânica, que uniu religião católica e germanidade (*Deutschtum*). Trata-se, portanto, de um modelo tradicional conservador que procurou preservar a influência do catolicismo sobre a cultura tradicional alemã. Nas colônias alemãs a religião era o eixo normatizador e mediador de todas as relações sócias, religiosas e culturais. “Nela e por ela os homens construiriam os seus espaços de liberdade e encontrariam a sua libertação” (SCHALLENBERGER 2009: 275). Construíram uma pequena cristandade católica germânica que tinha como objetivo o desenvolvimento social, espiritual e cultural das colônias germânicas no Sul do Brasil. Não construíram um estado autônomo, separado, mas consolidaram estruturas de poder muito eficientes.

Diferente da base tradicional do poder local no Brasil, sustentado pelo coronelismo, o das comunidades resultava da integração de pessoas para a solução dos seus problemas, abrindo para o cidadão um espaço de ação na área que o afetava diretamente. No Sul do Brasil, a organização das comunidades assumiu um certo caráter de formação de um contrapeso à exclusão social num contexto de domínio oligárquico e de um Estado autoritário (SCHALLENBERGER, 2003: 16).

Os jesuítas encontraram na unidade cultural/confessional dos imigrantes o ponto de partida para o desenvolvimento de um espírito comunitário associativo. Desta compreensão construíram uma força empreendedora que supria a ausência do estado e lhes garantiam liberdade de ação e autonomia. “O suporte desta construção social residia na força da cooperação, no espírito de solidariedade, no poder da educação enquanto fomentadora da cultura, e na partilha da fé” (SCHALLENBERGER, 2009:465).

A especificidade da atuação dos jesuítas entre os imigrantes alemães está na forma como trabalharam a ideia da unidade entre a religião e escola, religião e cultura, religião e bem estar social, religião e povo alemã. Para os jesuítas e os imigrantes alemães estas dimensões não se separavam, caminhavam unidas. A unidade destes elementos se

⁴⁸ Referente ao Concílio de Trento (1545-1563). O Concílio de Trento começou a ser aplicado no Brasil somente a partir de meadas do século XIX, com mais intensidade após a Proclamação da República com o fim do padroado.

constituía na essência e na força da germanidade. Preservá-la era a condição necessária para o desenvolvimento das colônias. Este foi um movimento contrário ao pensamento liberal que caminhava na direção oposta, separando religião e educação/escola, religião e política, religião e responsabilidade social, religião e cultura. Entre os imigrantes alemães os jesuítas tiveram a oportunidade de permanecerem jesuítas, bem como permanecerem germânicos.

Referências

1. Fontes de Arquivos

1.1. ARSI - Archivum Romanorum Societatis Iesu - Roma

Provincia Brasiliae Merdionalis, I Espistolae, 1001 – III
Provincia Brasiliae Merdionalis, I Espistolae, 1001 – VIII
Provincia Brasiliae Merdionalis, I Espistolae, 1003a – XVII, 3a
Provincia Brasiliae Merdionalis, I Espistolae, 1001a – XVII. 5a
Provincia Brasiliae Merdionalis, I Espistolae, 1001a – XVI, 3ª

1.2. ANPSJ – Archiv der norddeutschen Provinz SJ – Colônia Alemanha

Catalogus Sociorum et Officiorum Provinciae Societatis Jesu, Romae, 1871-1921.

1.3. IAP - Instituto Anchietano de Pesquisa – São Leopoldo

Verhandlungen - II Generalversammlung der deutschen Katholiken von Rio Grande do Sul, Santa Clara 1899. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1899.

Katholikenversammlung in Neu-Hamburg, Porto Alegre: Typografia do Centro, 1928.

Sankt Paulusblatt, n. 3, 1914.

Sankt Paulusblatt, n. 3, 1913.

Sankt Paulusblatt, n. 44, 1962.

Familienfreund, n. 10, 1922.

2. Fontes bibliográficas

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunschrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*, Stuttgart: [s.n.], 1995.

AMSTAD, Theodor. Seelsorgsarbeit der deutschen Jesuiten in Rio Grande do Sul. in: *Mitteilungen*, Köln, v. 104, p. 18-24, 1936/1938.

_____. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul 1824-1924*. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1924.

_____. Die Deutschen in Rio Grande do Sul. In: *Das Auswanderungsproblem: die Einwanderung und das katholische Deutschtum in Brasilien*, Freiburg: Caritasverband für das katholische Deutschland, p. 5-41, 1912.

ARENDDT, Isabel Cristina. *Educação, religião e identidade étnica: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

BOHNEN, Aloysio; ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *A Atividade dos Jesuítas de São Leopoldo 1844-1989*. São Leopoldo: UNISINOS, 1989.

BRESOLI, Keberson. *Kant e a ideia da Aufklärung*, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/free/Downloads/203-292-1-PB.pdf>. Acesso em: 08/05/2017.

BUCHMANN, Erwin. Die deutschsprachige Presse in Brasilien: Ihre Bedeutung im deutsch-brasilianischen Kultur – und Wirtschaftsaustausch – Leistungen, Probleme und Aufgabe. *Staden Jahrbuch*, São Paulo, v. 4, p. 219-235, 1956.

CAMERLANDER, A. *Sind die Jesuiten deutschfeindlich?* Ein Beitrag zur Geschichte des Deutschtums im Ausland. 2. ed. Freiburg: [s.n.], 1931.

DIE DEUTSCHEM Jesuiten und das Deutschtum in Brasilien. *Mitteilungen*, Köln, v. 6, n. 53, p. 621-623, 1912/1914.

DIEL, Paulo Fernando. *Ein katholisches Volk, aber eine Herde ohne Hirte: Der Anteil deutscher Orden und Kongregationen an der Bewahrung deutscher Kultur und an der Erneuerung der katholischen Kirche in Süd-Brasilien (1824-1935/38)*. Sankt Augustim: Gardez Verlag, 2001.

DOMINGOS, Simone Tiago. *Política e Religião: repercussões da polêmica sobre o retorno dos jesuítas ao Brasil durante o Segundo Reinado (1840-1870)*. 2014. 317 f. Tese (Doutorado de Filosofia e de Ciências Humanas) Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas – SP, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281160/1/Domingos%2C%20Simone%20Tiago_D.pdf. Acesso em: 08/05/2017.

DREHER, Martin Norberto. *Igreja e Germanidade: critico estudo da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Caxia do Sul: Sinodal, 1984.

ESPEY, Cletus. Kolonienmission vor 30 Jahre: Die deutschen Franziskaner in Südbrasilien. *Franziskanermission*, p. 21-24, 1935.

GEHSE, Hans. *Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart: Ein Beitrag zur Geschichte und zum Aufgabenkreis Auslandsdeutscher Zeitungsbesitzer*, Münster: Verlagsbuchhandlung, 1931.

KISSLING, Johannes. *Geschichte der deutschen Katholikentage*, Münster: Aschendorf, 1923, v. I-II.

LUTTERBECK, Jorge Alfredo. *Jesuítas no sul do Brasil: Capítulos de História da Missão e Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus*. Revisão do texto Arthur Rabuske. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1977.

KLAUCK, Samuel. *O apostolado da imprensa: a revista St. Paulus-Blatt como instrumento de informação, formação e catequese no Rio Grande do Sul (1912-1934)*. 2009. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas, Letras e Artes) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/18210/TESE;jsessionid=EDAB71E61A552C47A707A0B1AFC34842?sequence=1>. Acesso em: 17/01/2017.

KREUTZ, Lucio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*, Florianópolis: EDUCS, 1991.

MIGNONE, Emilio. La Iglesia Argentina durante la época de Rosas. In: DUSSEL, Enrique et.al. *História General de la Iglesia em America Latina*, Salamanca: Sígueme/CEHILA, 1994, pp. 293-301 (Cono Sur: Argentina, Chile, Uruguay e Paraguay, v. 9).

MONDONI, Danilo. *Os expulsos voltaram: os jesuítas novamente no Brasil (1842-1874)*, São Paulo: Loyola, 2014.

RABUSKE, Arthur. A supressão da Companhia de Jesus em 1773, um dos fatos mais singulares da história da Igreja. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 199-217, 1973.

_____. Eles se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia alemã no Rio Grande do Sul. *Iº Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Serviços Gráficos de Rotermund, p. 31-53, 1974.

RAMBO, Arthur Blásio. *Somando forças: o projeto social dos jesuítas do sul do Brasil*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.

_____. História da imprensa teuto-brasileira. In: CUNHA, Jorge Luiz de; GÄRTNER, Angélica. *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação*. Santa Maria: Ed. UFSM, p. 59-79, 2003.

_____. *A escola comunitária teuto-brasileira católica: a Associação dos Professores e a Escola Norma*. São Leopoldos: Editora Unisinos, 1996 (Estudos teuto-brasileiros, v.3).

_____. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994 (Estudos teuto-brasileiros, v.1).

_____. A escola comunitária teuto-brasileira: gêneses e filosofia. *Estudos Leopoldenses – Seria Filosofia/6*, São Leopoldo, ano XXI, n. 86, p. 5-109, 1985.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. O retorno da companhia, a partir das missões populares dos Jesuítas espanhóis, no extremo sul do Brasil (1842-1867). *Revista História e Cultura*, v. 3, n.2, p. 316-337, set. 2014.

ROTHER, Alfredo. Aus der Vergangenheit: 150 Jahre deutsche Provinz. *Mitteilungen aus den Deutschen Provinzen der Gesellschaft Jesu*, n. 121, v. 19, p. 1-8, 1960.

SCHAETTE, P. S. Erfahrungen aus Kolonien und Schule, in: *Vierter Deutsch-brasilianischer Schultag*. Curitiba, p. 36-41, 1927.

_____. P. Joseph Maria Jakobs erster Pfarrer von Blumenau 1876-1892. in: *Der Wegweiser*, v. 3, p. 134-138, 1931.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *Associativismo cristão e desenvolvimento comunitário: imigração e produção social do espaço colonial no sul do Brasil*. Cascavel: Edunioeste, 2009.

_____. Cooperativismo e desenvolvimento comunitário. *Revista Meditações*, Londrina, v. 8, n. 2, jul/dez, p. 09-26, 2003.

SCHMIEDER, Gottfried. Die deutschen Jesuitenmission in Südbrasilien. *Mitteilungen Den deutschen Provinzen der Gesellschaft Jesu*, n. 118, v. 18, p. 43-65, 1958.

_____. Aus der Missionsgeschichte der deutschen Jesuiten in Südbrasilien. *Mitteilungen*, Köln, v. 118, p. 43-65, 1912/1914.

SCHUPP, Ambrósio. *Die deutsche Jesuiten Mission in Rio Grande do Sul: Wiederherstellung und Herausgabe der Texte von Pater Arthur Rabuske*, São Leopoldo: UNISINOS, 1974.

SCHUPP, Ambros. *A missão dos jesuítas alemães no Rio Grande do Sul*. Tradutor e editor Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004 (Coleção Fisionomia Gaúcha, v. 7).

SPEY, C. Kolonieschulen vor 30 Jahren: Die deutschen Franziskaner in Südbrasilien, in: *Franziskanermissionen*, p. 21-24, 1935.

TSCHUDI, Johan Jakob von. *Reisen durch Südamerika*, Leipzig: Brockhaus, 1868, v. IV.

ÜBER DAS Apostolat der Presse in den deutschem Kolonien. *Mitteilungen*, Köln. v. 5, p. 28-29, 1909/1911.

WERLE, André Carlos. Discussões acerca da imprensa nos congressos católicos organizados pelos jesuítas alemães (1898-1940). In: DREHER, M. N.; RAMBO, A.B.; TRAMONTINI, M. J., (Orgs.). *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, p. 123-138, 2004.

Recebido em: 08 de março de 2017

Aceito em: 03 de maio de 2017